



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Tu És O Deus Que Me Vê

AUTOR

Jacinto Lucas Pires

ANO

2010

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Jacinto Lucas Pires

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Tu És O Deus Que Me Vê

AUTOR

Jacinto Lucas Pires

ANO

2010

Este texto teve estreia em 2010,
no Teatro Nova Europa, Porto.
Encenação de Luís Mestre.

2015 Coimbra



Jacinto Lucas Pires

1974. Nasceu no Porto em 1974 e estudou Direito na Universidade Católica de Lisboa. É o filho mais velho do falecido líder do CDS Francisco Lucas Pires e da jurista Teresa Almeida Garrett. Vive em Lisboa. Foi-lhe atribuído em 2008, pela Universidade de Bari/ Instituto Camões, o Prémio Europa – David Mourão-Ferreira. Faz parte, com Tomás Cunha Ferreira, da banda *Os Quais* – que lançou um *Meio disco* em 2009 e um disco inteiro em 2012, *Pop é o contrário de pop*. O seu último romance, *O verdadeiro ator*; ganhou o Grande Prémio de Literatura DST 2013. Este romance foi editado nos EUA com o título *The true actor* (edição Dzanc Books, tradução de Jaime Braz e Dean Thomas Ellis). Na escrita, tem como referência escritores como Flannery, O'Connor, Alice Munroe e Don DeLillo. Canta ideias todas as semanas na TSF, no programa *Canções Crónicas*. Escreve no blogue *O que eu gosto de bombas de gasolina*.

ACTO I

CENA 1

O **PAI** entra em palco, fala directamente para o público.

PAI Antes de mais, olá. Olá a todos. Sejam bem-vindos. É um prazer, é um grande prazer e uma verdadeira... uma... boa honra ter-vos aqui connosco. Muito obrigado. Obrigadíssimo. Espero que estejam todos confortáveis, sim? As cadeiras são boas, são fofas, são... hã? Ótimo. *(Pausa; olha para fora de cena, como que à espera de alguém que não chega.)* Antes de começarmos, queria só agradecer um pouco e... Aproveitar esta oportunidade para isso, para... *(Olha para fora de cena.)* Agradecer a... *(diz o nome do lugar – teatro, escola, garagem... – onde se realiza o espectáculo)* por nos receberem aqui, desta forma tão... *(olhando para o espaço)* tão real, não é?... Hã. *(Riso falhado.)* E agradecer-vos a todos por terem... *(olha outra vez para fora de cena)* aparecido e estarem aqui connosco, assim tão bem... aparecidos, pronto, e à espera de tudo o que... daquilo que se vai passar. *(Pausa; sorriso encavacado. E depois, olhando de novo para fora de cena.)* Do que se vai passar não tarda nada... Queria também fazer mais uma coisa. Que era pedir desculpa. Queria pedir antecipadamente desculpa para o caso de alguma... de algo não correr bem. Não digo que não vá correr tudo bem, com certeza que sim, mas por vezes, naturalmente... vocês sabem como é, não é?... há sempre coisas que... *(Interrompe-se ao ver chegar o FILHO, que traz duas batas de enfermeiro.)* Ah, cá está! É o meu Filho, senhoras e senhores. *(Para o FILHO.)* Vá, faz uma vénia aos senhores. *(O FILHO obedece.)* Muito bem. Muito bem... *(Vestem as batas.)* Muito bem, estamos... prontos?

CENA 2

Dois enfermeiros numa pausa de trabalho, a fumar.

ENFERMEIRO 1 ...“E Deus diz...” *(Pausa. Não se lembra do que vem a seguir.)* Ai, como é que é?

ENFERMEIRO 2 Detesto isso, quando estamos a meio de uma anedota e –

ENFERMEIRO 1 Não, espera. Só um segundo. “E Deus diz...” *(Pausa.)*

ENFERMEIRO 2 Sim?

ENFERMEIRO 1 Que nervos, está mesmo debaixo da língua.

ENFERMEIRO 2 Pois é, isso é tão... às vezes é tão irritante quando isso –

ENFERMEIRO 1 “E Deus diz...”

ENFERMEIRO 2 Vem aí o chefe! *(Os ENFERMEIROS olham um chefe imaginário que passa no público, escondem os cigarros atrás do corpo. Cumprimentam-no com o olhar, sorriem. Quando ele desaparece, recomeçam a fumar. Pausa.)*

ENFERMEIRO 1 Ah, já sei.

ENFERMEIRO 2 Então?

ENFERMEIRO 1 Oh, agora não vai ter graça nenhuma.

ENFERMEIRO 2 Vá lá.

ENFERMEIRO 1 Agora já ficou aqui uma coisa *(indica, por gestos, uma nuvem imaginária entre eles)*, uma expectativa assim que...

ENFERMEIRO 2 Vá, diz lá. (*O **ENFERMEIRO 1** vira-se para a frente, a fumar, não diz nada. O **ENFERMEIRO 2** espera um momento, a ver se ele acaba a piada, depois desiste. Põe-se também a olhar em frente, a fumar.*)

ENFERMEIRO 1 "E Deus diz..." (*Pausa. Deita cigarro ao chão, pisa-o.*) "Faça-se a luz."

CENA 3

O PAI e o FILHO.

PAI O Velho Pai está deitado de olhos fechados. O Médico fala com os filhos.

FILHO Isso é verdade?

PAI Diz: "Receio que as notícias não sejam nada boas."

FILHO "Por favor..."

PAI Muito bem.

FILHO Sim, fiz bem?

PAI Sim, sim. Mas o Médico não tem favores a dar. "Fizemos todos os exames", diz ele, "vimos todas as hipóteses, mas..."

FILHO "Não é possível um transplante? Qualquer um de nós daria o coração para que..."

PAI "Infelizmente a doença-da-morte já se espalhou do coração para o resto do corpo."

FILHO "Por favor", repete o Filho mais velho. "E ele sabe disso?" pergunta o Filho mais novo.

PAI "O vosso pai? Bem... não. Ainda não. Receio, aliás, que já não venha a saber."

FILHO "Eu dou-lhe o meu coração agora, já, agora, não é possível que... é impossível que ele —"

PAI "Receio que nunca mais acorde."

FILHO Que triste.

PAI É um choque. Agora, silêncio.

FILHO O quê, ficamos calados?

PAI Chh. (*Pausa.*)

FILHO Um minuto de silêncio? (*Pausa.*) Isto é uma história verdadeira? Isto está mesmo a acontecer?

PAI Os Filhos olham uns para os outros e abraçam-se, tristes. Sentam-se.

FILHO Sentamo-nos?

PAI Não têm palavras, olham para o chão. Até que o Filho do meio fala.

FILHO "E daquela vez que ele atravessou a cidade à chuva à procura do livro que tinha no bolso da gabardine?" (*O **PAI** ri-se, triste.*) Os outros Filhos riem-se, tristes.

PAI E, numa inspiração do momento, começam a dizer em coro...

FILHO Vá, isso também já é capaz de ser demais, não? (*O **PAI** olha para ele.*) Vá lá, Pai, por favor... (*O **PAI** continua a olhá-lo fixamente; o **FILHO** obedece, dá um passo em frente e diz o cântico de vitória.*)

"Cantarei ao Senhor
que é verdadeiramente grande:
cavalo e cavaleiro lançou no mar.
Ele foi para mim a salvação.
É este o meu Deus: glorificá-lo-ei;
o Deus de meu pai: exaltá-lo-ei.
O Senhor é um guerreiro:
Senhor é o seu nome."

PAI Muito bem.

FILHO Obrigado. *(Pausa; olham um para o outro.)* Quando acabam de cantar, os Filhos olham uns para os outros – consolados, de certa forma. Mas logo volta o silêncio. *(Pausa; olham um para o outro.)* Sentados, calados, põem-se a olhar para o chão.

CENA 4

PAI O Velho Pai está deitado de olhos fechados. Tem um rosto demasiado transparente e já não sabe se pensa se –

FILHO Entra um Homem de Branco carregando uma bandeira branca.

PAI O quê?

FILHO Agita a bandeira uma e outra vez.

PAI Não exageres. Estamos aqui para salvar... *(referindo-se ao público)* estas pessoas, não para as entreter.

FILHO A bandeira é muito branca e grande e bela.

PAI Para nos salvarmos a todos.

FILHO Sim. Depois o Homem sai.

PAI E nesse momento –

FILHO O Homem de Branco.

PAI ...Sim, eu percebi.

FILHO Estou a dizer para o público.

PAI Diz "pessoas" que é melhor. Menos abstracto, menos frio.

FILHO Sim, Pai.

PAI E nesse momento o Velho Pai – quer dizer, o Pai da história verdadeira, não eu aqui –

FILHO Também não sei se é bom explicar demais, há?

PAI O Velho Pai abre os olhos.

FILHO Ah?

PAI Ainda vê, talvez, o Homem de Branco a sair. Um relance da mais pura clareza. Um ínfimo infinito.

FILHO Poemas não, por favor.

PAI E... senta-se na cama, olha em frente. Como um cego em frente ao espelho.

FILHO Oh, que imagem tão forte...

PAI "Quem está aí?"

FILHO É o que ele diz?

PAI "Quem está aí." *(Pausa. Passado um bocado, o Pai olha para o Filho. Este percebe que é a vez dele.)*

FILHO Nessa altura... Nesse momento... Então... Bem, de repente... abre-se a porta

e...

PAI E...?

FILHO Aparecem os filhos a correr, vindos de uma sala ao lado. Estão muito espantados, espantadíssimos, nem querem acreditar. "Pai?"

PAI "Esteve aqui uma voz, uma nuvem de fogo, não viram?, com uma voz dentro e..."

FILHO "Calma, Pai, deve ser o efeito das drogas."

PAI Não achas melhor dizer "remédios"? Hã? É que, se calhar, para as pessoas... Se calhar, as pessoas podem pensar que...

FILHO Vá, não podemos parar agora.

PAI Sim, sim.

FILHO E então?

PAI Onde é que estávamos?

FILHO "Calma, Pai, deve ser o efeito das drogas."

PAI "Eu vi. Eu vi."

FILHO E diz o Filho do meio: "Não é melhor alguém chamar o médico?" Mas ninguém se mexe. A cara do Velho Pai formando palavras.

PAI "O nome de Deus é: Tu És O Deus Que Me Vê."

FILHO "Pai?" Pergunta o Filho mais novo. "Pai?"

PAI "O nome de Deus é: Tu És O Deus Que Me Vê, e Tu És O Deus Que Me Vê diz-me para eu vos dizer que temos de partir. De sair, de largar tudo, e ir à procura do nosso lugar de verdade."

FILHO "Mas sempre vivemos aqui", diz o Filho mais velho.

PAI "O nosso país sonhado, o lugar onde seremos finalmente."

FILHO "Sente-se bem, Pai?, está a falar esquisito." E o Filho do meio: "É esta a nossa terra, Pai, não se lembra? Somos uma família com algum nome até na cidade..." E o mais novo para o do meio: "Oh, por favor..." E depois –

PAI Entra o Médico com os papéis na mão.

FILHO Mas não dá. Somos só dois. Não há mais ninguém que possa...

PAI O quê, para fazer de Médico?

FILHO Sim. Pode-se dizer isso assim à frente do... público?

PAI "Pessoas."

FILHO Ou isso.

PAI Não, não faz mal, deixamo-lo calado. Ou talvez diga só uma coisinha pequena, relativamente secundária.

FILHO Sim?

PAI Mas necessária para fazer efeito, sim.

FILHO Hum.

PAI Olhando, incrédulo, para os papéis dos exames e para o Velho Pai deitado na cama, o Médico diz –

FILHO Faça uma voz diferente. Para se perceber bem.

PAI "Não acredito, é um milagre. É um milagre, não acredito."

FILHO E o Velho Pai levanta-se e –

PAI "Vamos, venham. Deitem os telemóveis ao lixo e sigam-me."

FILHO É o que ele diz? (*O PAI sai*) E os Filhos e o Médico ficam ali parados, embasbacados, a vê-lo sair?

ACTO II

CENA 1

O PAI e o FILHO, cansados como no fim de uma longa caminhada.

PAI Todos os condutores que pecam ao volante deviam ser obrigados a andar a pé pelas estradas secundárias deste país para verem o susto que não é.

FILHO Ele é o Velho Pai.

PAI Aposto que baixava logo o índice de mortalidade rodoviária.

FILHO Ele é o Velho Pai e nós somos os seus Filhos obedientes. Deixámos as nossas vidas, empregos e amantes, créditos à habitação e telemóveis, deixámos tudo para trás e seguimo-lo porque ele viu Deus. Ele é o Velho Pai e sabe coisas. Ele viu-ouviu Deus, ele falou com Deus. E Deus deu-lhe um nome e tudo e disse-lhe para –

PAI Seguimos pela estrada nacional cento-e-qualquer-coisa e tudo é muito mais monótono, muito menos glorioso, do que eu tinha imaginado. Uma coisa é dizer, outra é... Já se sabe, não é? Afinal, não há nenhum sinal divino pelo caminho, nenhuma luz descendo dos céus, nenhuma voz fresca que nos encha a alma. Zero. Zero de efeitos especiais. Só dores nas costas, pés cheios de bolhas e esta dor de cabeça astronómica. À minha frente, o país sujo e mal tratado, pobreza e ignorância e pseudomodernidade, tudo tão mal misturado, um caos urbanístico contínuo. E, atrás de mim, os meus Filhos seguindo-me numa lentidão pesadona, como velhos antes do tempo, carregados de dúvida e desânimo.

FILHO Falta muito? Quero um gelado! Falta mais ou menos quanto? Preciso de fazer xixi! Faltam quilómetros ou metros? Mais ou menos quantos minutos? Adoro dizer “xixi-cocó”, “xixi-cocó”! Quero um gelado! Falta muito? O quê, cinco minutos ou mais? Cinco horas ou mais? Cinco dias ou...?

PAI A certa altura param num snack-bar para beber água e sentam-se a ver o concurso que dá na televisão suspensa. O Velho Pai não suporta aquilo, aquela histeria de cores e palmas, e sai discretamente para a estrada. Sente-se enjoado, tem a boca a saber a pó, precisa de ar fresco, um horizonte. Cá fora, não acredita nos seus olhos.

FILHO Na televisão o apresentador grita o valor do preço certo e há luzes a acender e ouve-se uma musiquinha alegre e as pessoas começam a aplaudir.

PAI Passa um camião-tir vermelho com letras brancas, como os camiões da coca-cola nos anúncios. Só que este, em vez de dizer “coca-cola”, diz “pega no teu filho preferido e mata-o”.

FILHO O apresentador abre os braços para a câmara, aparentemente contente com aquele desfecho, e o concorrente vencedor ri-se também, meio aparvalhado, ainda em estado de choque, e a família sobe ao palco e abraça-o e o público não pára de bater palmas porque o programa ainda não acabou.

PAI “Pega no teu filho preferido e mata-o.” O Velho Pai sabe logo que é uma ordem de Deus. O Deus que o salvou no hospital. Que o fez sair descalço pelas estradas secundárias do país. Que lhe disse o nome que ninguém sabia: Tu És O Deus Que Me Vê.

FILHO Vê O Tu Que Deus Me És

Deus És Me Que Tu O Vê

És Que Tu Me Vê Deus O

PAI O Velho Pai pára a pensar. Pede uma aguardente ao balcão, e isso cria um silêncio imediato pois a família sabe que ele nunca toma nada mais forte que vinho. E, dentro desse silêncio, resistindo-lhe, o Velho Pai bebe o copo de aguardente de um só trago e pousa-o com força no tampo do balcão. E o gesto produz um som estranho e poderoso, um som liso, ao mesmo tempo grave e agudo, que ecoa pelo snack-bar como uma interrogação contra as pedras douradas de uma catedral.

FILHO E os Filhos têm estas palavras para dentro: Será a dúvida? Estará o Velho Pai contaminado pela doença da descrença? Teremos abandonado as nossas certezas e os nossos prazeres para nada, para seguir um louco ou, ainda pior, um louco de coração perdido, uma alma enfeitiçada? Dizem isto para dentro os Filhos, mas não olham uns para os outros com medo dos seus próprios olhos de rato.

PAI No fundo desse silêncio o Velho Pai avança para o Filho Nº1 e pede para ele o acompanhar lá fora, para conversarem.

FILHO O Filho Nº1 ainda hesita – na televisão vai começar o resumo do Barcelona-Liverpool – mas a cara séria, tão opaca, do Velho Pai não lhe dá hipótese.

PAI O Velho Pai tem os olhos azuis muito claros que os velhos costumam ter, um azul transparente que nunca dá grandes hipóteses.

FILHO Mas, no geral, o Filho Nº1 é mais bonito, toda a gente concorda, ainda mais bonito do que o Velho Pai. Um homem cheio de futuros grandes e grandiosos, oh.

PAI Há o barulho tremendo dos automóveis a acelerar na estrada e um pó feio que se levanta tapando a luz do sol e o Velho Pai faz sinal ao Filho Nº1 para que ele o siga para um descampado que há ali depois das árvores.

FILHO “O que é, Pai?”, pergunta o Filho.

PAI “Quero-te mostrar uma coisa”, diz o Pai. E vão os dois pelo meio das plantas, os pés pisando a lama por baixo do verde, e agora já não há poeira no ar e o sol já brilha limpo e, enquanto atravessam o campo, o Filho Nº1 assobia uma canção distraída que o Velho Pai lhe ensinou quando ele ainda era muito criança e filho único, e o calor é cada vez mais intenso sobre as cabeças dos dois homens e não há uma só nuvem ou rasto de avião a jacto no céu azul e, sem que o primogénito dê conta, o Velho Pai tira o canivete suíço do bolso e puxa a lâmina maior.

FILHO “O que é, Pai?”

PAI E o Filho não desconfia de nada e o Pai sofre dores horríveis por dentro, na barriga, no cérebro, no oco do peito.

FILHO “O que é, Pai?”

PAI O Filho trauteia a canção da melhor lembrança e o Pai não acredita –

FILHO Não acredita?

PAI ...Não acredita naquela sua mão grossa segurando a faca.

FILHO “O que é, Pai?”

PAI O Filho é o filho bonito e favorito, o Filho Nº1 de toda a primeira esperança, primeiro espanto.

FILHO “O que é, Pai?”

PAI E o Velho Pai desiste, o braço mole ao longo do corpo, a mão não agarrando mais a faca como arma, não, não, nem Deus pode exigir tal gesto.

FILHO "O que é, Pai?"

PAI E de repente, chamando a si, num instante de vertiginosa solidão, toda a força do seu sangue e toda a distância do seu sangue, o Velho Pai, sim, consegue puxar o braço pesadíssimo, um peso de toneladas, e levar a faca afiada ao pescoço do Filho querido, um peso de pedra, um peso de ferro, a faca brilhando no sol rente à pele fina do Filho escolhido, um peso de toneladas e definitivo.

FILHO "O que é, Pai?"

PAI E eis que uma voz se faz ouvir na nuca do Filho.

FILHO Na nuca?

PAI Na nuca do Filho Nº1, a partir da nuca do Filho Nº1, a voz de um anjo dos céus aparecendo como uma coisa visível, um objecto radioso, uma palavra de luz, uma voz de tocar.

FILHO Enquanto isto, no snack-bar, os outros Filhos aplaudem uma jogada de Lionel Messi, o craque argentino do Barça.

PAI "Não levantes a mão sobre o menino", diz a voz na nuca do Nº1. "Sei agora que acreditas em Deus pois não lhe recusaste o teu filho." E nesse momento o Velho Pai sente-se tomado por um vazio magnífico e deita-se aos pés do Filho primeiro. Este levanta-o e abraça-o e os dois fazem um esforço para não chorarem como mulheres, tendo os corações esticados como até aí nunca, e à volta dos dois o ar enche-se de oxigénio e partículas benignas que ajudam à respiração.

FILHO Depois regressam ao snack-bar e contam tudo aos outros Filhos e todos ficam muito comovidos e felizes, cheios de faíscas transparentes nos olhos.

PAI Que agora, claro, já não são como olhos de rato mas mais como olhos de criança a festejar golos de bicicleta.

FILHO Pontapés-moinho.

PAI Toques de calcanhar.

FILHO E depois juntam-se todos no lugar do campo onde o Velho Pai encostou a lâmina ao pescoço do Filho Nº1 e onde a voz do anjo pousou sobre a nuca do Filho Nº1 para confirmar a fé do Velho Pai, e começam a juntar pedras.

PAI Pedras comuns que, nas mãos humanas, se tornam obras de arte. Pedras comuns que, todas juntas numa construção, formam belezas sem explicação ou nome.

FILHO O nome é "Land Art".

PAI Sem ninguém dizer nada, constroem uma breve montanha de pedras.

FILHO Um "Evereste Bonsai".

PAI "O que estais para aí a dizer?"

FILHO E começam a cantar.

PAI De olhos azuis e de todas as cores e com faíscas transparentes, o Pai e os Filhos cantam-falam as palavras do lugar. (O PAI acompanha o FILHO nalgumas palavras do cântico: "Juro por mim mesmo", "E as cidades que há na Terra".)

FILHO O Senhor providenciará

Na montanha o Senhor providenciará

Porque obedeceste à minha voz

Juro por mim mesmo, diz o Senhor

Abençoo-te e multiplico-te

Como as estrelas e as areias
E as cidades que há na Terra
Porque obedeceste à minha voz
O Senhor providenciará
Na montanha o Senhor providenciará

CENA 2

*No quarto de hospital o **ENFERMEIRO 1** está sentado aos pés de uma cama cheia de telemóveis. Entra o **ENFERMEIRO 2**.*

ENFERMEIRO 2 Então, por aqui?

ENFERMEIRO 1 Pois é.

ENFERMEIRO 2 O que é que... O que é que se passa?

ENFERMEIRO 1 Nada. *(Indicando os telemóveis na cama.)* Estou à espera.

ENFERMEIRO 2 *(sem perceber)* Ah.

ENFERMEIRO 1 Lembras-te da família que deixou isto para trás?

ENFERMEIRO 2 Os telemóveis?

ENFERMEIRO 1 Eram milagreiros. Os escolhidos de Deus.

ENFERMEIRO 2 O quê?

ENFERMEIRO 1 Até o nosso Médico disse.

ENFERMEIRO 2 Que eram os "escolhidos de..."?

ENFERMEIRO 1 Quando o Velho se levantou, havias de ter visto, o tipo ficou branco até. Só dizia: "É um milagre, não acredito. Não acredito, é um milagre."

ENFERMEIRO 2 Ah, estás a ver? "Não acredito."

ENFERMEIRO 1 Oh.

ENFERMEIRO 2 E, portanto, estás... à espera?

ENFERMEIRO 1 Hã-hã.

ENFERMEIRO 2 Quê, de um telefonema?

ENFERMEIRO 1 De uma chamada. Uma palavra de Deus. *(O **ENFERMEIRO 2** pensa naquilo, hesita – e acaba por se sentar ao lado do colega. Pausa.)*

ENFERMEIRO 2 Achas que falta muito? *(O **ENFERMEIRO 1** olha para ele como quem diz "não faço ideia". Os dois viram-se para a frente, à espera. Olham um para o outro, riem-se nervosamente. Olham de novo em frente, esperam. Mas não acontece nada.)*

CENA 3

*Descalço, o **FILHO** tenta chupar o dedão do pé. O **PAI** parece ver alguma coisa ao longe. Quando percebe que está a ser visto pelo público, o **FILHO** pára de brincar com o pé e tenta compor um ar sério.*

PAI O que o Velho Pai vê é uma vaca magra a comer uma vaca gorda. E outra vaca magra a comer outra gorda. E mais uma, terrivelmente, impressionantemente escanzelada, a comer uma vaca imensa, obesa, como é que é possível. E outra, e mais uma, sete vezes, sempre igual.

FILHO Porque é que estas coisas são sempre com o número sete?

PAI Na planície alentejana, será?, numa terra de sol em linha recta, sete vacas magras comendo sete vacas gordas.

FILHO Os Filhos olham mas não vêem nada.

PAI É preciso olhar com a inteligência.

FILHO Os Filhos ouvem mas não vêem nada.

PAI É preciso olhar com o sonho.

FILHO (*sentando-se junto do PAI*) Os Filhos calam-se finalmente.

PAI Quando o Velho Pai lhes diz que têm de vender todas as acções de empresas que por acaso possuam e levantar todo o dinheiro do banco, de todas as contas-jovem e todos os planos poupança-reforma, que têm de fazer isso já, no próximo balcão da próxima terrinha, que vêm aí dias difíceis, os Filhos perguntam, trocistas, se isso é o conselho da vaca magra ou da vaca gorda.

FILHO Eles vêem as vacas, afinal, a magra a comer a gorda, parece impossível, não é?, eles vêem tudo igualzinho e até mais focado, ah pois, eles vêem as vacas, claro, só não percebem o "símbolo".

PAI Não há símbolo nenhum, é tudo literal. A vaca magra come mesmo a vaca gorda.

FILHO Mas, na vila seguinte, por simples obediência, lá vão aos bancos resgatar o dinheiro, fechar todas as contas, zerar todos os números.

PAI E no dia seguinte –

FILHO Milagre –

PAI Cai o sistema.

FILHO O termo técnico é "crash".

PAI Crasha o sistema dos dinheiros internacionais e é um pandemónio dos diabos no mundo. Um pandemónio primeiro, e uma crise terrível depois. De um dia para o outro, já ninguém sabe o real valor das coisas, já ninguém confia na outra parte para efeitos de troca, simples toma-lá-dá-cá. As pessoas começam a comprar menos, as empresas começam a despedir muito mais, e a crise vai crescendo assim, alimentando-se de si mesma, do seu eco. Um buraco dentro de um buraco dentro de um buraco, etcétera. Só quem tem dinheiro vivo se safará menos mal, apesar de tudo, diz o Velho Pai.

FILHO Dinheiro... "vivo"?

PAI Estava tudo na tal visão. Não ensinam isso na escola? Hã? A ler os sinais?

FILHO A... "ler"?

PAI Por favor não me façam outra canção disto, mas não é impunemente que uma vaca magra come uma vaca gorda.

FILHO Pois.

PAI Quanto mais sete.

FILHO Ah pois.

PAI "Aprendestes a lição, queridos Filhos?"

FILHO E o tempo muda, o tempo dos céus e o tempo dos relógios.

PAI Ai o tempo...

FILHO E agora a Família Povo – é esse, ainda não tínhamos dito?, o apelido deste pequeno clã – atravessa chuvas e noites pelas estradas do país.

PAI Já são conhecidos da nação, de toda a nação, considerados assim uma espécie de "malta castiça", graças ao acompanhamento durante algumas semanas por parte de um conhecido canal de televisão.

FILHO Mas isso agora não adianta para nada.

PAI Podemos até dizer o nome, acho que não problema. O canal é o TV Audiência.

FILHO Mas o facto é que a chuva não pára e vai escurecendo tudo, deprimindo tudo, Portugal inteiro. Torna-se impossível continuar.

PAI Os pés afundados na lama, as cabeças em água.

FILHO Risco de pneumonia, complicações graves.

PAI Os espíritos desbotados.

FILHO Numa palavra: muito frio.

PAI Isso não são duas?

FILHO A Família Povo – *(para o PAI)* Pai, por favor – pára debaixo do toldo de uma drogaria que tem um papel a dizer “trespassa-se” na montra. Não anda nem mais um passo.

PAI E os Filhos põem-se a olhar para o Velho Pai, à espera de uma palavra útil. Uma palavra que desencrave aquela pausa, que volte a pôr narrativa no mundo, que improvise um movimento qualquer. Mas desta vez...

FILHO O quê? *(Pausa. O PAI olha em frente, tentando ver alguma coisa ao longe.)* O quê? O quê?

PAI ...Ele não parece ter qualquer solução. O peito mudo, palavra nenhuma. A chuva é pesada e negra e não há guarda-chuvas para ela.

FILHO Os Filhos pensam que agora dava jeito ter um telemovelzinho.

PAI O raio da chuva não pára e, por uma vez, o Velho Pai não sabe o que fazer – que fazer?

FILHO A Protecção Civil não deixa ninguém sair a rua. A Família Povo põe-se em posição de pergunta.

PAI Mas o Velho Pai, oh, só tem silêncio.

FILHO Ficam ali sem dizer nada, a ver a chuva ininterrupta.

PAI Derrotados.

FILHOS Não pára, não pára, não pára.

PAI Derrotados.

CENA 4

O APRESENTADOR está sempre contente.

APRESENTADOR ...E voltamos ao exterior, ao ar livre, à rua, à estrada nacional número cento-e-qualquer-coisa, para um grande momento de televisão, senhores telespectadores. Um daqueles momentos só possíveis, sim, no seu canal favorito, na sua escolha de todos os dias, incluindo feriados e fins-de-semana, na sua amiga de todas horas, a TV Audiência! Já sabe, somos nós – isso mesmo: “a televisão do seu coração”. E é por isso que lhe trazemos momentos destes, mesmo em condições terrivelmente adversas, sob uma chuva perfeitamente apocalíptica, com risco real para as vidas dos repórteres e técnicos que asseguram esta transmissão memorável, que antes de o ser já o é, ha ha. Senhoras e senhores, a Família Povo! Estão ali, ali estão eles, conseguem vê-los entre a chuva, não?, tão puxadinhos pelo zoom de altadefinição do nosso homem-câmara, uma família sacrificada, que veio desde a cidade grande, a pé, sem nada, ou muito perto disso, muito poucos bens materiais, numa travessia inédita e única e incrível à procura do seu lugar, da terra que lhes falta, de um “onde”

onde se possam realizar por inteiro nas suas pessoas. E esse “onde” onde havia de calhar? Ha ha. Enfim. Mas eis que chega um momento tremendo, terrível e, sim, caros telespectadores, porventura final. Acossada por este autêntico dilúvio que não pára, não pára, não pára, a Família Povo parece finalmente vencida no seu ânimo. Por enquanto vão-se aguentando debaixo de um toldo à espera que a chuva passe. Mas já faltará pouco para que percam as forças e a esperança e desistam. Quando o frio chegar aos ossos terão de recolher a uma pensão, a um hotel, a um hospital – o que será compreendido por todos os que seguem esta história de vida e factos reais, e certamente também pelos próprios, como uma capitulação, um compromisso mais do que comprometedor para as aspirações deste clã visionário. É uma pena. Uma pena. Um momento de grande tristeza. A coragem assim quebrada, a alma assim torcida. Façam um minuto de silêncio comigo, por favor. (Pausa, só uns segundinhos.) Mas... Mas eis que – sim, é verdade – o Velho Pai – vamos pedir ao nosso câmara para focar um pouco melhor ali a zona do toldo – sim, consigo ver agora, é verdade, o Velho Pai avança! É verdade, avança pela chuva adentro e – oh, não é possível. Oh, não é... Estão a filmar isto? Por favor, digam-me que estão a filmar isto! Senhores telespectadores, é História. Estamos a assistir à História. Aliás, é mais do que isso, a História diz-nos que isto que estamos a ver... não acontece. Que não acontece, pura e simplesmente. E no entanto, sim – oh, vemo-lo com os nossos olhos. O Velho Pai acredita, sim, e avança pelo meio da chuva violentíssima sem qualquer pinga de medo e – e – e, meu Deus – dá-se o milagre. É um milagre em directo, caros telespectadores! A chuva desvia-se, abre alas, para que ele passe, o Velho Pai. E agora os Filhos, atenção – os Filhos, claro, vêm todos atrás dele, todos em fila indiana, uma imagem tão comovente, não sei se o nosso câmara consegue... E de repente os céus – ai, não é possível – a água dos céus suspende-se. Os céus inventam um corredor seco para que a Família Povo possa seguir caminho em paz na sua busca de um Lugar Melhor, caros telespectadores. Chove como o diabo por todo o mundo menos aqui nesta estreita, estreitíssima faixa, por onde caminham, descalços, os nossos heróis de hoje, os protagonistas deste momento inesquecível que a TV Audiência leva até si e até todo o Portugal. Perante o nosso... perante o nosso perfeito não-saber-o-que-dizer, o Velho Pai e os Filhos da Família Povo vão sem chuva chuva adentro. Um milagre, um milagre em tempo real, caros amigos. Aplausos, por favor.

CENA 5

PAI Num lugar deserto da chamada região centro – no centro geométrico do rectângulo do chamado país – a Família Povo cumpre o sonho que a levou até aí.

FILHO Isso é um bocadinho vago, não?

PAI É o mais concreto possível.

FILHO Em que sentido?

PAI Em sentido único.

FILHO O que é que isso quer –

PAI Sabias que, no Brasil, “concreto” quer dizer “betão”?

FILHO ...Ah, sim? (Pausa.) Bem, agora perdi-me.

PAI O sonho que a Família Povo cumpre é assim, feito de concreto.

FILHO O quê, mesmo? Um sonho de... betão?

PAI Uma cidade.

FILHO Eles fazem uma cidade?

PAI Não acredita?

FILHO Sim, claro, mas... Uma cidade feita do zero?

PAI Isso. Uma cidade chamada A Cidade.

FILHO *(rindo-se)* Hã.... *(Olha para o PAI.)* O quê, Pai, está a falar a sério? Uma cidade começada do nada num deserto da região centro?

PAI Muito bem, lindo menino.

FILHO *(para o público)* Por favor, ajudem-me...

PAI Estás a ver Brasília? Jerusalém, Manhattan, Roma, Madrid, Fátima?

FILHO Fátima?! Fátima?!!

PAI Estás a ver? *(Para o público.)* Estão a ver essas cidades? Estão a vê-las bem, como deve ser? Então, esqueçam-nas. Esqueçam-nas, e no instante seguinte imaginem uma cidade nova. Uma nova cidade chamada, simplesmente –

FILHO ...A Cidade.

PAI A Cidade, exacto.

FILHO Sim, já ouvimos, Pai. Muito engraçado, muito interessante, um nome extremamente original.

PAI A Cidade.

FILHO A Cidade...

PAI Uma cidade pensada do princípio, com tudo no sítio. Um lugar para começar o mundo, para começar o ser feliz de todos, todos, todos, todos, todos, todos, todos.

FILHO Sete vezes?

PAI Chh. Sorri.

FILHO O quê?

PAI Sorri. Olha para a frente e sorri. *(O FILHO não se mexe durante um momento, como que a pensar se deve obedecer ou não. Depois, sim, vira-se para a frente e sorri. E o PAI sorri com ele. Mas agora o FILHO tira uma coisa do bolso – um microfone – e, sob o olhar de espanto do PAI, transforma-se de novo no APRESENTADOR, que, como se sabe, está sempre contente.)*

APRESENTADOR Bem-vindos de novo, senhores telespectadores, à nossa emissão

PAI *(para o FILHO)* Mas o que é que...?

APRESENTADOR ...É sempre com prazer, sempre com renovado prazer, que o acolhemos, a si que nos está a ver aí-onde-quer-que-esteja, é sempre com renovado, redobrado, requeitado prazer que o recebemos nesta nossa emissão diária, contínua e ininterrupta, neste magnífico espaço televisivo que criamos e transmitimos e levamos até si, neste território de sentimento e profissionalismo que, já sabe, se chama... TV Audiência! TV Audiência, “a televisão do seu coração”!... Hoje vimos relatar um milagre, queridos amigos, o milagre da construção da cidade A Cidade – um processo que implicou muito sacrifício e esforço por parte da Família Povo, muita força de vontade, contra todos os velhos do Restelo que sempre sopram ao contrário nestas alturas, uma construção que é a verdadeira concretização de uma utopia, uma espécie de utopia, essa utopia que os do Povo souberam transportar através das mais esburacadas estradas secundárias para plantar aqui, neste preciso lugar de onde hoje vos estamos a falar... E hoje celebra-se precisamente o fim dos trabalhos de construção, pois, mas também a elevação deste “conjunto populacional” (é esse o

termo técnico) a cidade, uma elevação aprovada neste dia (dizer o dia do espectáculo) na Assembleia da República por uma rara unanimidade, uma unanimidade de aplaudir. Sim, é disso que se trata, caros ouvintes, espectadores e telespectadores: a elevação da cidade A Cidade a cidade! Aplausos, por favor! (*O APRESENTADOR olha para o PAI. Este aplaude, a contragosto.*) Temos connosco um popular... (*virando-se para o PAI.*) Podemos fazer-lhe algumas perguntas?

PAI ...Um "popular"?

APRESENTADOR O que é que o fascina mais nesta nova, belíssima, cidade A Cidade?

PAI ...Eu?

APRESENTADOR A arquitectura? A higiene? O ambiente? Os equipamentos sociais? Os equipamentos culturais? Os espaços verdes? Os espaços de convívio? Os pontos de encontro? A sinalética ousada e criativa? A internet grátis?

PAI Não sei... isso tudo... tudo isso é muito –

APRESENTADOR A segurança? A sensação de pertença? A ideia de um paraíso na Terra? A ordem? (*Pausa.*) A ordem?

PAI ...Exacto, é isso. É exactamente isso, tirou-me as parvalhadas da boca. (*O APRESENTADOR olha para ele.*) Disse mesmo o que eu queria dizer.

APRESENTADOR (*para a frente*) E, portanto, por agora é tudo... Daqui, da cidade A Cidade, despedimo-nos até uma próxima. Sejam felizes e – já sabem: sentimento e profissionalismo só connosco, na TV Audiência, a sua televisão do coração! (*Pausa. E depois, desmanchando a personagem do APRESENTADOR, virando-se para o PAI.*) É agora.

PAI É agora que eu vou...?

FILHO Sim?

PAI Ah!... Ah, está bem! Desculpa. Estava distraído, aqui a pensar no... (*Começa a sair mas pára a meio caminho, vira-se para o FILHO.*) E o que é que achaste daquela minha bucha de inspiração momentânea?

FILHO O quê?

PAI Aquela das "parvalhadas da boca".

FILHO Pai, por favor...

PAI Pronto... (*Sai de cena. O FILHO fica sozinho, olha para o público. Pausa.*)

FILHO Sabem aquela do São Pedro a comprar um ar condicionado? Então, aqui vai. (*Pausa.*) Hum-hum. (*Pausa.*) Está um belo dia de sol lá no Céu-com-cê-grande, um dia belo demais até, um calor abrasador, temperaturas brutais, de maneira que... Ah não, espera aí, há uma coisa antes que é importante... Senão depois não tem... como é que é? (*Pausa.*) Mas, portanto, está um belo dia de sol lá no Céu-com-cê-grande e... e de repente... (*Não se lembra do resto; pausa. Envergonhado, sorri.*) Hã... (*Não aguenta mais aquilo.*) Perdoem-me só um segundo, vou só ali ver o que é que se passa e já volto... (*Sai por onde saiu o PAI.*) Não saiam dos vossos lugares, por favor...

ACTO III

CENA 1

Entram o PAI e o FILHO com umas batas pretas – umas togas. Agora não são enfermeiros, são juizes. (O PAI é o JUIZ 1 e o FILHO é o JUIZ 2.)

JUIZ 1 De acordo com a Lei –

JUIZ 2 “De acordo com a boa e velha Lei...”

JUIZ 1 Exacto. “De acordo com a boa e velha Lei...” o réu é condenado ao esburacamento dos olhos.

JUIZ 2 Muito bem, que é para aprender a não olhar para onde não deve.

JUIZ 1 Se uma mulher passa na rua –

JUIZ 2 “Se uma senhora...”

JUIZ 1 Exacto. “Se uma senhora passa na rua –”

JUIZ 2 “Se desloca...”

JUIZ 1 ...Hã?... Ah, sim. “Se uma senhora se desloca na... rua –

JUIZ 2 “Na via pública...”

JUIZ 1 Ai... *(Pausa; os juizes entreolham-se com ar de poucos amigos.)* “Se uma senhora se desloca na via pública...” os homens não têm nada que olhar.

JUIZ 2 Pois não.

JUIZ 1 Pois não.

JUIZ 2 Foi o que eu disse.

JUIZ 1 Não têm nada que olhar, por mais que... por mais que...

JUIZ 2 Exactamente.

JUIZ 1 Concorde comigo, portanto, Meritíssimo?

JUIZ 2 Com certeza, caro colega. *(Pausa. O JUIZ 1 olha para ele.)* “Meritíssimo.” *(Pausa.)*

JUIZ 1 “De acordo com a boa e velha Lei...” o réu é condenado a estar calado.

JUIZ 2 “De acordo com a boa e velha Lei...” o cigano do réu é condenado a ser recambiado para a Bulgária, Roménia ou lá de onde é que veio.

JUIZ 1 Muito bem.

JUIZ 2 Sim?

JUIZ 1 Sim, senhor. *(Para o FILHO-JUIZ 2.)* Vejo que este é um papel que fazes com muito gosto, muito... empenho pessoal.

JUIZ 2 Claro, tem de ser, não é Pai? Tem de ser assim, não é... “de acordo com a boa e velha Lei”?

JUIZ 1 Ha, ha. Muito bem, muito bem apanhada essa. Hum.

JUIZ 2 Hum-hum.

JUIZ 1 “De acordo com a boa e velha Lei, os cidadãos são condenados a ser felizes –”

JUIZ 2 “De acordo com a boa e velha lei, as crianças são condenadas a crescer iguais aos paizinhos delas.”

JUIZ 1 “...Felizes e confortáveis, todos iguaizinhos, e feitos à medida –

JUIZ 2 “De acordo com a boa e velha Lei, os terroristas ou nacionais de países terroristas ou com muitos terroristas são condenados a planar por aí em aviões –

JUIZ 1 “...Feitos à medida dos anúncios da TV, bem-dispostos, modernos, politicamente correctos e –”

JUIZ 2 "...Sofrendo no corpo as mais avançadas técnicas de interrogatório, truques completamente –

JUIZ 1 "...Bonitos, muito bonitos, e brilhantes, tão brilhantes, ai brilhantes como montras de centro comercial –

JUIZ 1 "...Até confessarem todos os seus pecados de pensamento, palavra, acto ou omissão."

JUIZ 2 "...Até confessarem –" exactamente – "ou inventarem todos os seus pecados de pensamento, palavra, acto ou omissão." (*Ouve-se um telemóvel, os juízes olham um para o outro. Pausa. O JUIZ 1, tentando perceber de onde vem o som do aparelho, sai de cena. Embaraçado, o JUIZ 2 sorri para nós.*) Enfim, uma sociedade bem orientada, bem organizada e, principalmente... em ordem. (*Entra o JUIZ 1 empurrando uma maca cheia de telemóveis. Parece ser dali que vem o som. O JUIZ 2 olha para o JUIZ 1.*) Ah, temos de...?

JUIZ 1 Pois é, pois é...

CENA 2

Os dois juízes despem as togas, viram-nas do avesso e vestem-nas outra vez – do avesso, as togas são brancas, isto é, não são togas, são batas de enfermeiros. Depois da troca, o ENFERMEIRO 1 e o ENFERMEIRO 2 sentam-se em frente à maca dos telemóveis, como na cena 2 do acto II. Pausa; toca o telemóvel.

ENFERMEIRO 2 Não vais atender?

ENFERMEIRO 1 Não queres antes tu?

ENFERMEIRO 2 Eu?

ENFERMEIRO 1 Tens medo?

ENFERMEIRO 2 Não, claro que não, mas...

ENFERMEIRO 1 Eu sim. (*O ENFERMEIRO 2 olha para ele.*) Um bocado.

ENFERMEIRO 2 Sim, eu também, se calhar. (*O ENFERMEIRO 1 olha para ele.*) Só um bocado.

ENFERMEIRO 1 Pois. (*O ENFERMEIRO 2 levanta-se, procura o telemóvel que toca no monte de telemóveis em cima da maca.*)

ENFERMEIRO 2 Se for ele, o que é que lhe vais dizer?

ENFERMEIRO 1 Chh.

ENFERMEIRO 2 O quê, vais mandá-lo... (*o ENFERMEIRO 1 encontra o telemóvel que toca*) vais pedir-lhe silêncio?

O telemóvel toca na mão do ENFERMEIRO 1. Os dois olham para o aparelho – com fascínio, medo, dúvida.

Mas nenhum deles faz nada.

ACTO IV

CENA 1

PAI e FILHO falam para o público.

FILHO E de repente, nessa cidade tão ordenadinha –

PAI ...Ruas limpas, paredes limpas, casas de banho... bem, vocês percebem o que eu quero dizer, não é?

FILHO ...Centros comerciais cheios, bolsos vazios, teatros vazios...

PAI ...Uma cidade bem ordenada, cada coisa no seu lugar, cada palavra no seu lugar, cada pessoa... bem, como deve ser, não é?

FILHO *(para o PAI)* Não, não é.

PAI *(para o FILHO)* Não é?

FILHO Não.

PAI Não?

FILHO Não devia ser.

PAI Sim.

FILHO Sim?

PAI Sim, estou só a preparar...

FILHO Pai, não diga.

PAI ...O que vem aí. *(Pausa.)* Calma, eu sei muito bem o que estou a fazer, meu Filho.

FILHO Sim?

PAI *(para o público)* De repente, numa cidade assim – *(para o FILHO)* sim – dentro da chamada “nova ordem mundial” – uma outra, uma realmente nova –

FILHO *(para o PAI)* Sou eu.

PAI *(para o FILHO)* O quê?

FILHO Sou eu a dizer.

PAI Como ousas interromper-me assim à frente do público?

FILHO “Pessoas”, Pai.

PAI Exacto. Como é que te atreves?

FILHO É que... isso... a coisa... tenho de ser eu a dizer.

PAI Mas se “isso”, a “coisa”, não se pode dizer!...

FILHO Tem de ser o Filho, Pai.

PAI Tu?

FILHO Só assim é que faz sentido. Tenho de ser eu a dizer que não se pode dizer. *(Pausa.)* Tem de ser o Filho, como no Livro.

PAI Tudo bem, eu fico na “gaiola”. *(O Filho olha para ele.)* É uma expressão do teatro.

FILHO *(incrédulo)* Do “teatro”?

PAI Quando se obriga um actor a ficar no escuro, ou muito ao fundo. Quando se deixa um actor preso num lugar do texto onde seja impossível alguém reparar nele.

FILHO Mas... “teatro”?

PAI O quê, nunca te disse? Olha, se calhar não. Se calhar, quis-te proteger dessa... desse tipo de... Mas, sim, fiz umas pecinhas em jovem, antes da... portanto, antes, do meu... chamamento.

FILHO *(riso fraco)* ...Hã. *(Sério, de repente.)* Isto é, que interessante... fascinante.

PAI Muito obrigado. *(Pausa.)*
FILHO *(para o público)* De repente, nesta cidade tão ordenadinha, surge uma voz.
PAI *(para o FILHO)* Mais alto.
FILHO *(para o público)* Uma voz justamente igual à vida.
PAI *(para o FILHO)* Mais forte.
FILHO *(para o público)* Uma voz para a qual nem eu –
PAI *(para o FILHO)* Mais verdadeiro.
FILHO *(para o público)* Para a qual ninguém tem palavras. *(Pausa; os dois olham para o público.)*
PAI *(para o público)* E agora, para essa nenhuma-palavra, vamos precisar da vossa colaboração.
FILHO Por favor.
PAI Exacto, por favor.
FILHO Precisamos que alguns de vocês venham aqui ao palco ter connosco.
PAI Três ou quatro chegam.
FILHO Não tenham medo, vai ser bom.
PAI Por favor.

CENA 2 (hipótese 1)

Caso algumas pessoas do público aceitem o convite de vir para o palco, o PAI e o FILHO conduzem-nas a lugares previamente definidos – de modo que fiquem bem visíveis e separadas umas das outras. Dizem-lhes ao ouvido: “Imagine a sua palavra preferida.” Depois afastam-se delas.

PAI *(para as pessoas em palco)* Não tenham medo, estão muito bem.
FILHO *(para as pessoas em palco)* Sejam vocês mesmos, vai ser maravilhoso. *(Pausa.)*
PAI *(para o público)* Uma breve pausa... *(Pausa.)*
FILHO *(para o público)* A tal nenhuma-palavra – uma palavra que revoluciona, que ressuscita, que nos salva a todos – é esta:

Acendem-se as luzes sobre as pessoas do público em palco. Ficam acesas bastante tempo – uma longa pausa –, depois escuro.

Fim.

CENA 2 (hipótese 2)

Caso não haja pessoas do público que aceitem o convite de vir para o palco, o PAI e o FILHO devem sentir isso como uma derrota. Aflitos, olham um para o outro.

PAI Bem, assim não sei como é que isto há-de acabar...

FILHO Eu já sabia...

PAI O quê?

FILHO Passaste todo o tempo a mudar as deixas...

PAI "Passaste", que maneiras são essas?

FILHO ...A improvisar, a estragar-me as cenas todas, a fazer perguntas idiotas... Agora, claro...

PAI "Perguntas" ... quê?

FILHO *(como quem diz "lá está este...")* Hum...

PAI O que é que disseste? Repete lá. *(O FILHO não olha para ele.)* Repete a frase ou mando-te uma no focinho que até ficas com o focinho a cheirar para dentro. *(O FILHO lança-lhe um olhar rápido, mas volta a olhar para a frente. Não responde. O PAI aproxima-se, puxa o braço atrás, vai-lhe dar um murro na cara. Mas nesse momento o FILHO vira-se para ele.)*

FILHO Tu não és o meu pai.

PAI *(de punho fechado, braço puxado atrás)* ...O quê?

FILHO Tu não és o meu pai. És um actor chamado *(diz o nome do actor que faz de PAI)*.

PAI Oh... *(Aterrorizado com esta revelação, o PAI "desarma" o braço pronto para o murro. Olha em frente, perdido, tenta pedir ajuda ao público.)* Mas isto é...? Ele pode...? Hã?...

FILHO Põe-te aí no centro do palco, a olhar em frente. És tu, o *(diz o nome do actor)*, não és a personagem Pai. És tu mesmo. Pensa na tua palavra preferida, mas não digas qual é.

PAI Eu?

FILHO Não digas. Faz. *(O PAI não se mexe.)* Vai para ali. *(O PAI olha-o fixamente, e depois olha para o público – mas não encontra ajuda em parte nenhuma. Obedece à ordem do FILHO, vai para o lugar indicado, no centro do palco. Agora o FILHO fala para o público.)* Senhoras e senhores, meninos e meninas, a tal nenhuma-palavra – uma palavra que revoluciona, que ressuscita, que nos salva a todos – é esta:

Acende-se a luz sobre o actor que faz de PAI. Fica acesa bastante tempo – uma longa pausa –, depois escuro.

Fim.



centro de
dramaturgia
contemporânea